



O PRIMARISMO FILOSÓFICO DO BRASILEIRO

Do EVARISTO DE MORAES FILHO

CONSTITUI lugar comum e questão pacífica afirmar-se que o brasileiro não manifesta grande inclinação pelos estudos filosóficos. Tirando a febre positivista que encheu algumas décadas da nossa história imperial e principalmente republicana, nada apresentamos de entusiasmo em assuntos de Filosofia. E diga-se a bem da verdade: aquele movimento teve cunho muito mais religioso e político do que propriamente filosófico, em seu sentido mais puro e desinteressado. Agora, em nossos dias, o chamado existencialismo, pelo seu aspecto mais superficial e literário, conseguiu chegar até aqui, dando ensejo a alguns ensaios de cunho estritamente impressionista.

Mas onde as inclinações profundas? Onde as vocações irremediáveis? Falta-nos tradição, falta-nos continuidade histórica, denunciadora de um estilo de vida mental. Em verdade, a abstração racional não é o forte da nossa gente. Vivemos voltados para o pitoresco e para o concreto, para o sensorial, para aquilo que nos fale diretamente aos sentidos e ao imediatismo de uma solução pronta e apressada. Não nos apraz pensar demoradamente, sem alarido, sem escândalo, sem sofreguidão de publicação dominical. À razão, preferimos a imaginação; ao raciocínio lógico e frio, preferimos o devaneio e o sonho.

Se por um lado faltam as vocações filosóficas e raras também são as personalidades verdadeiramente científicas, por outro fecha-se também o círculo, com a ausência quase completa de movimento editorial correspondente. Procure alguém publicar um livro de Filosofia ou de pensamento puro, e logo encontrará pelo frente os editores mais práticos do mundo, agarrados ao deve e haver da sua contabilidade comercial. Dizem-se incontinenti sujeitos à lei de falência; chegam até a vislumbrar uma pequena concordata preventiva em seu destino. Distinguir a boa da má mercadoria, o bom ensaio do mau, isto não é com eles. São comerciantes, e não pedagogos. Sua função é vender livros e não educar o povo ou forçar mudanças de estilos de vida. Se o público quer e pede poesia, romance, aventura, tradução, faça-se a vontade do público. O resto é silêncio.

Em nossas Faculdades de Filosofia é incomparavelmente maior a freqüência aos cursos de Geografia e História, de línguas vivas, de Matemática, de Química, ficando os poucos inscritos nos estudos filosóficos em minoria absoluta. Em primeiro lugar, não constitui a Filosofia matéria de curso secundário. Somente no segundo ciclo é ela estudada, mas ainda assim sem o caráter e a seriedade que seriam de desejar. Por outro lado, não oferece grandes oportunidades de ganhar dinheiro ou sólida reputação em nosso meio social. Os ensaios do licenciado ficarão no fundo da gaveta à espera de editor caído do céu, a menos que o pobre diabo consiga um pistolão para o Instituto Nacional do Livro ou para outros órgãos oficiais de documentação.

Quando ingressamos na Faculdade Nacional de Filosofia, em abril de 1939, fomos examinados pelo Padre M. L. Penido, recém-chegado de Friburgo, na Suíça. Número de candidatos inscritos: doze. Lograram passar somente dois. O primeiro ímpeto do Padre Penido foi o de fazer a mala e tomar o primeiro navio de volta. Na Universidade de Friburgo ia além de uma dúzia o número de seus assistentes; enquanto que aqui todos os seus alunos não chegavam nem a meia dúzia... Fazer Filosofia no Brasil, costuma ele dizer, é pior do que plantar alface em pleno deserto...

Em meio de tudo isso há raras, raríssimas exceções, tipos estranhos que se esforçam contra a corrente, como verdadeiros pre-

cursores de uma época que há de chegar para este País, embora não seja de modo algum para as atuais gerações que o habitam. O Instituto Brasileiro de Filosofia, com sede em S. Paulo, e a sua revista, são exemplos maiores desse esforço, indicando o caminho para alguns pioneiros. Claro que a sua repercussão não se aproxima, nem de longe, à de qualquer revista literária ou política. É contudo um exemplo que vai durando, persistindo, insistindo, mantendo unidos alguns sujeitos mais ou menos lunáticos, que acreditam mais na Filosofia do que na Loteria Federal.

Desde que existe a Faculdade de Filosofia, já ali se realizaram dois concursos para Catedrático de Filosofia, além de um doutoramento e uma livre-docência. Quem soube disso aqui fora? Ninguém. Enquanto isso, inúmeros criminosos, jogadores e grã-finos encheram as páginas dos jornais, através do sensacionalismo do júri, dos clubes, das delegacias, das favelas, da **mala vida** que vai por todos os cantos dessa nossa mundana e esportiva cidade. A única realidade nacional é o **café-society**, de cabeça ôca, pouco miolo para encharcar de uísque e muita mediocridade para passear na semi-abscuridade das casas noturnas. E aqui acaba por se encontrar finalmente a única Filosofia que toda gente pensa que faz ou sabe: a existencialista. Por isso é ainda tão primário o nível filosófico do povo brasileiro.